

COMPREENDENDO O REINO DE DEUS A PARTIR DA LEITURA DE MATEUS 5,1-12

UNDERSTANDING THE KINGDOM OF GOD FROM THE READING OF
MATTHEW 5:1-12

ENTENDIENDO EL REINO DE DIOS SEGÚN MATEO 5:1-12

RESUMO

Este trabalho analisa as Bem-aventuranças de Jesus em Mateus 5.1-12 como fundamento ético e espiritual da vida cristã, em contraste com os valores contemporâneos marcados pelo individualismo e materialismo. As Bem-aventuranças revelam uma lógica contracultural, centrada na humildade, na misericórdia, na sede de justiça e na perseverança diante da perseguição. Elas desafiam e redefinem a compreensão de felicidade e sucesso à luz do Reino de Deus, pois propõem uma bem-aventurança que não depende de riqueza, status ou autossuficiência, mas da comunhão com Deus, da justiça do Reino e da solidariedade com os que sofrem. Nessa perspectiva, ser “feliz” é ser participante da obra redentora de Deus no mundo, mesmo em meio à dor e à marginalização. Parte-se da hipótese de que a verdadeira felicidade não depende de circunstâncias externas ou do sucesso material, mas de uma disposição interior alinhada aos valores do Reino de Deus. A pesquisa tem por objetivo desafiar o leitor a uma compreensão que redefina sua visão de felicidade e sucesso à luz do ensino de Jesus. Com base nesse pressuposto, busca-se: explorar como as Bem-aventuranças de Jesus desafiam as concepções tradicionais de felicidade e sucesso, promovendo uma visão alternativa baseada em valores espirituais e éticos. Analisar o significado e a relevância prática de cada uma das Bem-aventuranças, destacando como elas orientam os seguidores de Jesus a viverem de acordo com os princípios do Reino de Deus. Investigar o impacto das Bem-aventuranças na transformação pessoal e na construção de uma comunidade centrada na compaixão, na justiça e na busca pela vontade de Deus.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Reino de Deus. Ética cristã. Contracultura. Discipulado.

¹ Jusceliano Ferreira Maciel, graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Pastor na Assembleia de Deus missão Ministério de Nova Serrana e Secretário da Diretoria das Assembléias de Deus em Nova Serrana, Brasil. E-mail: celiomaciel.pr@gmail.com

INTRODUÇÃO

As Bem-Aventuranças, proclamadas por Jesus no início do Sermão do Monte (Mt 5.1-12), ocupam posição central na construção da ética cristã, revelando uma proposta de vida que desafia os valores hegemônicos da sociedade contemporânea. Enquanto o mundo atual associa frequentemente felicidade e sucesso ao acúmulo material, ao prestígio social e ao individualismo, Jesus apresenta um discurso contracultural que exalta os pobres de espírito, os que choram, os mansos e os que têm fome e sede de justiça. Essas expressões configuram um modelo ético e espiritual profundamente enraizado nos valores do Reino de Deus, pautado na humildade, na misericórdia, na justiça e na esperança escatológica.

Diante desse contraste entre os valores do Reino e os paradigmas culturais contemporâneos, surge a seguinte questão: como as Bem-Aventuranças de Jesus no Sermão do Monte desafiam e redefinem a compreensão de felicidade e sucesso à luz do Reino de Deus? Parte-se da hipótese de que o texto de Mateus 5.1-12 apresenta uma visão contracultural da felicidade e do sucesso, propondo que a verdadeira bem-aventurança não está nas circunstâncias externas ou no êxito material, mas na disposição interior e no alinhamento com os valores do Reino.

Diversos autores, como Stott (2010), Lloyd-Jones (2009), Bonhoeffer (2009), Willard e Calvino, reconhecem, nas Bem-Aventuranças, não apenas um ideal moral elevado, mas também a identidade e vocação dos discípulos de Cristo, que são chamados a uma transformação interior pela graça divina. Assim, elas não se reduzem a meras orientações comportamentais, mas configuram um convite à construção de um estilo de vida coerente com a ética do Reino, promovendo a transformação pessoal e um testemunho ético no mundo.

O objetivo central deste trabalho é desafiar o leitor a uma compreensão que redefina os conceitos de felicidade e sucesso à luz do Reino de Deus.

Para isso, busca-se: explorar como as Bem-Aventuranças desafiam as concepções tradicionais, propondo uma visão baseada em valores espirituais e éticos; analisar o significado prático de cada bem-aventurança, mostrando como orientam o viver cristão; e investigar seu impacto na transformação pessoal e na edificação de comunidades centradas na compaixão, justiça e vontade de Deus.

Este trabalho propõe analisar as Bem-Aventuranças em suas dimensões teológica, ética e prática, demonstrando seu potencial transformador diante dos desafios e valores culturais contemporâneos. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que dialoga com a teologia, a ética cristã e as ciências sociais, busca-se compreender como esses ensinamentos continuam a interpelar o cristão atual, desafiando-o a viver uma existência que, embora contracultural, é fundamental para a edificação de uma sociedade mais justa, solidária e pacificadora. Assim, ao refletir sobre a aplicação prática das Bem-Aventuranças em diversos contextos, como a política, a família, o ambiente de trabalho, a igreja e as redes sociais, este estudo visa contribuir para a compreensão da espiritualidade cristã como força vital capaz de inspirar mudanças significativas na vida individual e coletiva.

1. A IMPORTÂNCIA DAS BEM-AVENTURANÇAS NA ÉTICA CRISTÃ

As Bem-Aventuranças, registradas no Evangelho de Mateus (5.1-12), não são apenas os primeiros ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, mas também um compêndio de princípios que modelam a ética cristã. Willard (Cap. 4, p. 74) argumenta que as Bem-Aventuranças não são apenas instruções éticas, mas descrições das pessoas que já estão vivendo sob o reinado de Deus. Ele destaca que essas declarações revelam uma inversão dos valores mundanos, enfatizando que o verdadeiro bem-estar está acessível a todos, independentemente de sua condição social ou espiritual, e que reflete os valores divinos.

John Stott, renomado teólogo e escritor, enfatiza que a palavra grega *makarios*, traduzida como “bem-aventurado”, refere-se a um estado objetivo de bênção, distinto da felicidade subjetiva. Ele destaca que Jesus, ao pronunciar as Bem-Aventuranças, não descreve sentimentos passageiros, mas declara a avaliação divina sobre aqueles que possuem determinadas qualidades. Segundo Stott, “*makarios* refere-se à bem-aventurança que é o dom de Deus, não à felicidade baseada em circunstâncias humanas”. Além disso, ele observa que cada bem-aventurança consiste em duas partes: uma qualidade que o indivíduo possui e uma bênção que recebe. Por exemplo, os “pobres em espírito” são abençoados com o “Reino dos Céus” (Stott, 1990, p. 38).

A ética cristã, compreendida como o conjunto de princípios que norteiam a vida e a ação dos cristãos, encontra nas Bem-Aventuranças não apenas um guia de conduta, mas também uma estrutura de transformação pessoal. Martyn Lloyd-Jones (2000, p. 45) afirma que as Bem-Aventuranças são “um retrato da natureza do cristão verdadeiro e do padrão de

vida que ele deve seguir, em contraste direto com os padrões do mundo”. Elas, portanto, não apenas revelam a ética cristã, mas também oferecem um caminho para a vivência dessa ética no dia a dia, tendo como fundamento a humilhação, a misericórdia, a pureza e a justiça. “O professor Lourenço Rega, em seu material de Ética Aplicada, apresenta uma definição muito interessante.”

A ética pode ser compreendida como um conjunto de princípios que guiam as ações e decisões dos indivíduos. Quando essa ética é fundamentada em valores cristãos expressos na Bíblia, como se propõe neste estudo, as Bem-Aventuranças se tornam uma das principais referências para a definição e aplicação de tais princípios. Elas não são apenas normas dogmáticas, mas orientações que funcionam como sinais de trânsito, apontando o caminho para uma vida conforme os valores do Reino de Deus. (Rega, 2024, p. 9)

Rega oferece uma perspectiva relevante sobre a função normativa da ética cristã, especialmente ao relacioná-la com as Bem-Aventuranças. Ao propor que tais ensinamentos bíblicos funcionam como “sinais de trânsito”, o autor adota uma metáfora eficaz que ilustra a função orientadora e não impositiva da ética baseada nos valores do Reino de Deus. Essa visão contribui para uma compreensão mais dinâmica da moral cristã, afastando-se de uma abordagem meramente dogmática para destacar seu papel prático na vida cotidiana dos indivíduos.

Além disso, essa interpretação permite que se perceba a ética cristã não como um sistema fechado, mas como um caminho de constante discernimento, o que é especialmente pertinente em contextos de pluralidade moral e cultural. E, nesse aspecto, as Bem-Aventuranças são uma ferramenta de grande importância para o fundamento da ética cristã.

1.1 AS BEM-AVENTURANÇAS COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA CRISTÃ

As Bem-Aventuranças não apenas oferecem um código moral, mas representam um novo modelo de vida cristã, um verdadeiro “manual do Reino de Deus”, conforme sugere João Calvino (2010, p. 58), ao afirmar que “Cristo nos ensina, por meio das Bem-Aventuranças, que a verdadeira bem-aventurança não reside na prosperidade material ou no poder terreno, mas sim na disposição do coração em seguir os princípios de humildade e justiça do Reino celestial”.

Elas propõem uma inversão de valores em relação à moralidade do mundo secular, convidando os cristãos a abraçar uma ética que prioriza a pureza de coração, a misericórdia e a paz. Heber Campos aborda as Bem-Aventuranças do Sermão do Monte, explorando a verdadeira felicidade cristã. O autor destaca que essa felicidade não se refere a um estado constante de sorriso, mas à alegria profunda encontrada na regeneração pelo Espírito Santo. Ele enfatiza que a pureza de coração, a misericórdia e a busca pela paz são características dos cidadãos do Reino de Deus, invertendo os valores da moralidade secular (Campos, 2021, p. 37).

A primeira Bem-Aventurança, “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5.3), revela a base da ética cristã: a humildade. Para Martin Lutero (2017, p. 99), “ser pobre de espírito é reconhecer nossa total dependência de Deus e a incapacidade humana de alcançar a salvação por seus próprios méritos”. A humildade, portanto, não é apenas uma virtude moral, mas um pressuposto fundamental para qualquer interação genuína com Deus. Segundo Lutero, a pobreza de espírito cria a abertura necessária para a transformação espiritual, onde o ego é minimizado para que a graça divina possa operar livremente.

Essa humildade, ou pobreza de espírito, é acompanhada de uma profunda dependência de Deus, levando o cristão a entender que sua força e direção vêm somente de Sua graça. É nesse ponto que entra a reflexão

de Charles Spurgeon (2007, p. 120), que destaca que “a verdadeira bem-aventurança vem de reconhecer que somos fracos e dependentes de Deus, pois isso nos capacita a buscar sua orientação em todas as áreas da vida”. A humildade, entendida como pobreza de espírito, é um dos pilares centrais do Sermão da Montanha, sendo destacada por Jesus como a primeira das Bem-Aventuranças

Esse ensino revela que a verdadeira bem-aventurança está enraizada no reconhecimento da própria limitação e na total dependência de Deus. Segundo Souza (2015), a pobreza de espírito não está relacionada à condição socioeconômica, mas sim à postura interior daquele que reconhece sua insuficiência diante de Deus. Para o autor, “é o reconhecimento de que, sem a graça divina, nada se pode fazer, e que todas as virtudes cristãs nascem dessa consciência” (Souza, 2015, p. 87). Zeilinger (2008, p. 41) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “a abertura ao Reino começa com a renúncia à autossuficiência e com a aceitação da própria pequenez diante de Deus”.

Nesse contexto, é possível visualizar um diálogo implícito entre os autores. (Zeilinger, 2008, p. 62) amplia essa visão ao apontar que a atitude de reconhecimento da dependência divina é o início da verdadeira espiritualidade, já Spurgeon (2007, p. 15) enxerga na fraqueza humana a chave para acessar a força que vem da graça de Deus.

Essa consciência da limitação humana e da necessidade constante da graça divina não apenas molda a espiritualidade individual, mas também se reflete nas atitudes práticas do cristão. A humildade, nesse sentido, torna-se a base para uma vivência ética e relacional pautada pela misericórdia, justiça e pureza. Tais virtudes não se manifestam isoladamente, mas são desdobramentos naturais de um coração rendido a Deus e transformado por Sua presença. Desse modo, passa-se a analisar como esses valores se evidenciam na prática cristã cotidiana, sendo expressão concreta do discipulado genuíno.

1.2 MISERICÓRDIA, JUSTIÇA E PUREZA E PUREZA NA PRÁTICA CRISTÃ

Estas virtudes são centrais na prática cristã. A misericórdia, na perspectiva cristã, não é meramente uma reação emocional, mas uma prática intencional que se traduz em ações concretas de compaixão e justiça. O filósofo cristão Tomás de Aquino (2002, p. 215) ensina que “a misericórdia é uma virtude moral que nos move a aliviar o sofrimento dos outros, refletindo o caráter de Deus, que é misericordioso”. Ele afirma que a misericórdia é uma virtude que não se limita a sentimentos internos, mas exige ações práticas que busquem o bem-estar do próximo.

A misericórdia, portanto, não é uma atitude passiva, mas uma virtude ativa que deve ser praticada em todos os momentos da vida cristã. Para A.W. Pink (2003, p. 142), “a misericórdia cristã se manifesta principalmente no perdão, na ajuda aos necessitados e no auxílio aos que sofrem”. Esta misericórdia é a forma mais visível da ética cristã, pois é uma demonstração do amor divino em ação.

A pureza de coração, como expresso na bem-aventurança “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8), exige uma vida de santidade, onde as intenções e as ações do cristão são alinhadas com os princípios de Deus. A pureza não é um ideal remoto ou intangível, mas uma meta prática para todos os cristãos. Para João Calvino (2010, p. 125), “a pureza de coração é a sinceridade de nossas intenções diante de Deus e dos homens, uma condição necessária para ver e conhecer a Deus mais profundamente”.

Calvino vê a pureza como a chave para um relacionamento mais íntimo com Deus, uma vida que reflita Sua santidade e justiça. Dessa forma, compreende-se que a pureza de coração, segundo Calvino (2010, p. 125), não se limita a uma conduta exterior, mas reflete uma integridade interior que permite ao cristão aproximar-se de Deus e viver de maneira coerente com Sua vontade. Tal virtude se mostra essencial não apenas na

busca pela santidade, mas também na maneira como o indivíduo enfrenta as adversidades da vida cristã.

Nesse sentido, a pureza de coração prepara o crente para desenvolver outras virtudes necessárias à caminhada de fé, como a paciência diante das perseguições. A seguir, será abordada a importância da paciência cristã ao lidar com a oposição e o sofrimento por causa da fé, destacando seu papel fundamental no testemunho e na perseverança dos fiéis.

1.3 PACIÊNCIA DIANTE DA PERSEGUIÇÃO

A última das Bem-Aventuranças, “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5.10), revela uma dimensão crucial da ética cristã: a perseverança em tempos de adversidade. A perseguição por causa da justiça é uma realidade vivida por muitos cristãos ao longo da história e continua a ser um tema pertinente nos dias atuais. Martyn Lloyd-Jones (2000, p. 102) escreve que “os cristãos são chamados não apenas a suportar a perseguição, mas a enfrentá-la com alegria, pois sua recompensa no Reino de Deus é eterna”. A perseguição por causa da justiça não é algo que deva ser evitado, mas sim um sinal de que o cristão está vivendo de acordo com os princípios do Reino, essa perspectiva é corroborada por A. W. Pink:

A perseguição é o destino do justo. A hostilidade do mundo contra o cristão é inevitável, porque há uma oposição irreconciliável entre os princípios do mundo e os princípios de Cristo. Quando um crente vive de modo piedoso, ele se torna uma reprovação viva ao mundo, e este o odeia por isso. (Pink, 2013, p. 54).

Para Pink, a vida piedosa do cristão serve como uma reprovação viva ao sistema mundano, o que inevitavelmente desperta oposição e hostilidade. Essa compreensão reforça a ideia de que o sofrimento por causa da justiça está intrinsecamente ligado ao compromisso com o Reino de

Deus, sendo, portanto, motivo de esperança e alegria, e não de desânimo, a paciência diante da perseguição é uma característica distintiva da ética cristã, pois ela ensina os cristãos a manterem sua fé mesmo em face de adversidades. Segundo Tomas de Aquino (2002, p. 190), “a paciência é uma virtude que permite ao cristão suportar as dificuldades e as provações com a certeza de que Deus está no controle de todas as coisas e que a recompensa será eterna”. Essa resistência, alimentada pela esperança e pela fé em Deus, é um testemunho poderoso da verdadeira fé cristã na prática.

1.4 APLICAÇÕES PRÁTICA DAS BEM-AVENTURANÇAS

As Bem-Aventuranças não devem ser vistas apenas como normas ou princípios morais abstratos, mas como um guia prático para a vida cotidiana do cristão. Elas nos ensinam a viver de maneira que o caráter de Cristo seja refletido em nossas atitudes e ações. Ao viver as Bem-Aventuranças, o cristão não apenas cresce espiritualmente, mas também se torna uma testemunha viva do Reino de Deus. Como Spurgeon (2007, p. 142) enfatiza, “as Bem-Aventuranças são a essência da verdadeira vida cristã, um reflexo do caráter de Cristo em nossa vida cotidiana”. Elas não são apenas princípios a serem seguidos, mas um estilo de vida a ser vivido ativamente, com o objetivo de refletir os valores do Reino de Deus para o mundo ao redor.

As Bem-Aventuranças são essenciais para a ética cristã, pois oferecem não apenas um modelo de vida moral, mas também um caminho para a transformação do caráter do cristão. Elas nos chamam a viver de acordo com os princípios do Reino de Deus, abraçando a humildade, a misericórdia, a pureza de coração, a paciência diante da perseguição e a busca pela paz. Essas virtudes não são apenas ideais espirituais, mas devem ser praticadas ativamente no dia a dia.

Como afirma Lloyd-Jones (2000, p. 115), “viver de acordo com as Bem-Aventuranças é a maneira de refletir a glória de Deus em nossa vida e de ser luz no mundo”. Assim, as Bem-Aventuranças não apenas formam o caráter cristão, mas também têm um impacto transformador na sociedade, convidando todos a viver de acordo com os valores do Reino de Deus.

2 DESAFIANDO CONCEITOS CONVENCIONAIS DE FELICIDADE E SUCESSO.

Na sociedade contemporânea, felicidade e sucesso são frequentemente associados ao acúmulo de bens materiais, status social e reconhecimento público. Contudo, o ensino de Jesus nas Bem-aventuranças (Mateus 5.1-12) apresenta um contraponto radical a essa concepção dominante. Segundo Lloyd-Jones (2009, p. 44), “os bem-aventurados, segundo Jesus, são os que se consideram espiritualmente falidos, os que choram, os humildes — exatamente o oposto daquilo que o mundo elogia”.

Jesus declara felizes os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, entre outros. Tais virtudes espirituais subvertem os valores culturais, evidenciando uma lógica de felicidade baseada na dependência de Deus, e não no mérito ou prestígio social. Como afirma Stott (2010, p. 45), “a contracultura proposta por Jesus nas bem-aventuranças desafia os valores do mundo moderno”.

A. W. Pink (2010, p. 25) reforça essa inversão de valores ao observar que Cristo valoriza os humildes e puros de coração, enquanto o mundo exalta o orgulho, a ambição e a autossuficiência. Nesse sentido, as Bem-aventuranças não representam apenas ideais morais, mas uma revolução espiritual que redefine o que é ser feliz à luz do Reino de Deus.

Descritas por muitos estudiosos como o coração da ética cristã, as Bem-aventuranças abrem o Sermão do Monte, considerado por Stott (2018, p. 21) “o maior ensinamento ético da história da humanidade”. Bonhoeffer (2009, p. 114) destaca que essas declarações são, ao mesmo tempo, promessas e exigências dirigidas aos discípulos, refletindo o chamado a uma vida pautada pela justiça, humildade e fé.

Essa proposta ética confronta diretamente os modelos seculares de sucesso. No ethos do Reino de Deus, os bem-aventurados não são os poderosos, mas os que vivem conforme os valores divinos. De acordo com Stott (2018), as Bem-aventuranças funcionam como um prólogo ético que rompe com o status quo e aponta para uma vivência marcada pela alteridade e esperança escatológica.

Portanto, Jesus inaugura uma lógica de valor alternativa, pautada na graça e na justiça divina, desafiando estruturas sociais antigas e atuais. Bonhoeffer (2009, p. 115) ressalta que essas palavras não expressam um ideal inatingível, mas a realidade da vida cristã autêntica. Nessa mesma linha, Willard (2008, p. 42) afirma que “Jesus abençoa aqueles que o mundo considera desprezíveis, mostrando que o Reino de Deus está disponível mesmo para os que nada têm a oferecer”.

Em síntese, este estudo propõe uma análise das Bem-aventuranças em seu contexto histórico, teológico e prático, evidenciando como sua mensagem continua a desafiar os modelos convencionais de felicidade e sucesso na contemporaneidade.

2.1 A ESTRUTURA E A TEOLOGIA DAS BEM-AVENTURANÇAS

As Bem-Aventurança, apresentam uma estrutura literária cuidadosamente organizada, marcada por paralelismos e por uma progressão espiritual que não é acidental. Em vez de frases soltas ou desconexas, a seção se desenvolve como uma escada de crescimento interior, na qual cada bem-aventurança se apoia na anterior e prepara o caminho para a seguinte. Jesus propõe uma nova forma de vida e de espiritualidade que se distancia do legalismo superficial e das convenções culturais da sua época.

Segundo Stott (2018, p. 29), “elas não são uma lista aleatória, mas uma escada de valores que conduzem à maturidade espiritual”. O autor sugere que o ensino de Jesus começa com a humildade (“pobres de espírito”) e culmina com a perseguição por causa da justiça, indicando uma formação completa do caráter cristão. Essa progressão revela que a verdadeira espiritualidade, no contexto do Reino de Deus, começa com o reconhecimento da própria insuficiência e culmina em uma vida de compromisso radical com a justiça.

Nesse sentido, Campos Jr. (2021, p. 45) interpreta as Bem-Aventuranças como a revelação da verdadeira alegria cristã. Para ele, “a felicidade que Jesus propõe não é circunstancial, mas enraizada na presença de Deus e na esperança escatológica”. Essa alegria não está ligada à ausência de sofrimento, mas à certeza da ação de Deus na história e no futuro. Trata-se de uma teologia centrada na soberania divina e na transformação interior do ser humano.

O teólogo reformado João Calvino também oferece uma leitura profunda do texto. Em sua exegese, ele defende que as Bem-Aventuranças não são promessas universais, mas dirigidas àqueles que passaram pela regeneração operada pelo Espírito Santo. Ele afirma: “Cristo não promete felicidade a qualquer um, mas apenas àqueles que foram transformados

internamente pela graça divina” (Calvino, 2010, p. 83). Essa abordagem enfatiza a dimensão soteriológica do ensino de Jesus, no qual a bem-aventurança é fruto da ação redentora de Deus e não de mérito humano.

Além disso, a estrutura literária das Bem-Aventuranças está moldada por uma inclusão (ou inclusio), que aparece na repetição da expressão “porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5.3 e 5.10). Essa moldura indica que todas as demais promessas estão contidas no grande tema do Reino de Deus, núcleo central da mensagem de Jesus. As demais bênçãos — consolo, herança da terra, saciedade, misericórdia, visão de Deus, filiação divina — são expressões desse Reino já presente e ainda esperado.

A teologia das Bem-Aventuranças, portanto, articula-se a partir de três eixos fundamentais: a espiritualidade do Reino, a ética do discipulado e a esperança escatológica. Elas não são meros ideais morais, mas uma descrição do que Deus está fazendo no mundo por meio de seu povo. Como ensina Luz (2007, p. 182), “as bem-aventuranças são um manifesto do Reino que já se inaugurou, mas que ainda se realiza plenamente no futuro”.

É nesse ponto que a reflexão se aprofunda: as Bem-Aventuranças, além de revelarem o caráter do Reino, delineiam também a identidade do discípulo e os contornos da ética cristã. Assim, a partir desse alicerce teológico, passamos a considerar como o discipulado e a identidade cristã são moldados por esse ensino radical e contracultural de Jesus.

2.2 DISCIPULADO E IDENTIDADE CRISTÃ À LUZ DAS BEM-AVENTURANÇAS

As Bem-Aventuranças, longe de serem apenas declarações poéticas ou ideais inatingíveis, constituem o alicerce da identidade cristã e do caminho do discipulado. Nelas, Jesus descreve o perfil daqueles que pertencem ao Reino de Deus, revelando não apenas o que o discípulo faz, mas essencialmente quem ele é.

Segundo Oliveira (2023, p. 4), “as bem-aventuranças delineiam a espiritualidade do discípulo, que é chamado a viver a contracultura do Reino”. Para ele, seguir Jesus implica adotar um estilo de vida oposto ao espírito deste mundo, um discipulado moldado por humildade, mansidão, justiça e misericórdia. Essa espiritualidade contracultural, porém, não é meramente reativa ou subversiva por si mesma, mas nasce de um compromisso profundo com o Reino anunciado por Cristo.

Essa ideia encontra ressonância em Rega (2024, p. 88), que complementa o argumento ao afirmar que “o ensino de Jesus nas bem-aventuranças fornece um padrão ético superior, que não se limita a ações externas, mas exige coerência interior e integridade espiritual”. Em diálogo com Oliveira, Rega ressalta que o discipulado proposto por Jesus não pode ser reduzido a um conjunto de comportamentos; ele pressupõe uma transformação interior operada pela graça e sustentada pela esperança escatológica do Reino. O discípulo, portanto, é alguém cuja identidade e ética se entrelaçam de forma inseparável.

Martyn Lloyd-Jones (2000, p. 44) aprofunda esse entendimento ao afirmar que “as bem-aventuranças não descrevem diferentes tipos de cristãos, mas todos os cristãos”. Em convergência com Oliveira e Rega, Lloyd-Jones enfatiza que as características apresentadas por Jesus são essenciais, e não opcionais, para a vida cristã. Para ele, o discipulado não

é um chamado para uma elite espiritual, mas uma exigência para todos os que desejam seguir a Cristo. O verdadeiro cristão é, por definição, aquele que manifesta essas virtudes em sua jornada diária.

A essa conversa se une Charles Spurgeon (2007, p. 53), que reforça a dimensão prática e devocional das bem-aventuranças ao dizer que “elas são o espelho em que o verdadeiro crente deve se olhar todos os dias”. Enquanto os demais autores tratam da identidade e da ética do discípulo, Spurgeon destaca o aspecto formativo e contínuo desse ensino. O discípulo não apenas aprende as bem-aventuranças uma vez, mas retorna a elas constantemente como guia e critério de autoavaliação espiritual.

Assim, em diálogo, os autores revelam que o discipulado cristão, à luz das bem-aventuranças, é um processo integral: é espiritualidade contracultural (Oliveira), ética transformadora (Rega), identidade comum a todos os crentes (Lloyd-Jones) e disciplina diária (Spurgeon). Trata-se de uma formação que envolve mente, coração e prática, e que se concretiza na vivência cotidiana do Reino de Deus, mesmo em meio a um mundo marcado por valores opostos.

Essa compreensão nos leva a refletir sobre o papel do discípulo como agente de transformação em contextos de injustiça, sofrimento e desigualdade. O próximo passo, portanto, será analisar as implicações éticas e sociais das bem-aventuranças para o testemunho cristão no mundo atual.

2.3 AS BEM-AVENTURANÇAS E O DESAFIO CONTEMPORÂNEO

O mundo contemporâneo está imerso em uma cultura que valoriza o sucesso imediato, a autopromoção, o consumo e o poder como símbolos de realização pessoal. Nesse contexto, o ensino de Jesus nas bem-aventuranças surge como uma proposta profundamente contracultural e desa-

fiadora. Trata-se de um chamado à reconfiguração dos valores humanos à luz do Reino de Deus.

Souza (2021, p. 60) aponta que “o ensino de Cristo é um convite à felicidade paradoxal, que se realiza na renúncia e na solidariedade”. Essa “felicidade paradoxal” confronta diretamente a lógica dominante que associa plenitude à acumulação de bens ou ao reconhecimento social. O ensino de Jesus reverte essa ordem, colocando a humildade, a mansidão, a justiça e a misericórdia no centro da verdadeira realização humana.

Nesse mesmo sentido, Richards (2021, p. 34), em sua análise cultural do Novo Testamento, observa que “Jesus desafiou diretamente os valores dominantes de sua cultura, e continua desafiando os nossos”. O contraste proposto por Jesus permanece atual: enquanto a cultura moderna exalta o individualismo e a competitividade, as bem-aventuranças convidam à compaixão, à paz e à entrega.

Sproul (2019, p. 71) acrescenta que “o sermão da montanha é um retrato da santidade prática, que contrasta com a hipocrisia religiosa e com o secularismo moderno”. Para ele, a espiritualidade das bem-aventuranças não se limita à experiência interior, mas se traduz em atitudes concretas diante da vida e do próximo. Essa espiritualidade prática desafia tanto o legalismo — que reduz a fé a regras externas — quanto o relativismo ético que caracteriza boa parte da mentalidade contemporânea.

Nessa linha, Zeilinger (2012, p. 90) afirma que “a espiritualidade cristã autêntica encontra seu fundamento nas bem-aventuranças”. Essa afirmação reforça a ideia de que o seguimento de Jesus exige uma nova lógica de vida, em que a grandeza se manifesta na humildade e o sofrimento por causa da justiça se torna sinal de fidelidade ao Reino. A espiritualidade das bem-aventuranças aponta para um discipulado que não busca recompensas terrenas, mas se ancora na esperança escatológica e na comunhão com Deus.

Segundo Lloyd-Jones (2000), as bem-aventuranças representam o caráter essencial do cristão e estabelecem os valores do Reino que contrastam diretamente com os valores mundanos. Para ele, o Sermão do Monte é a exposição mais clara do que significa viver sob o senhorio de Cristo, e cada bem-aventurança desafia o discípulo a uma postura contracultural, centrada em Deus.

A compreensão das bem-aventuranças como caminho de discipulado fundamentado na justiça, humildade e esperança escatológica exige, portanto, uma análise mais aprofundada de sua aplicabilidade concreta no mundo contemporâneo. Assim, impõe-se a necessidade de refletir sobre os modos pelos quais os princípios evangélicos presentes nas bem-aventuranças podem ser vivenciados em distintos contextos e diante dos múltiplos desafios que marcam a sociedade atual.

Como destaca Rega (2024), a ética cristã aplicada exige um olhar sensível às transformações sociais, sem perder de vista os valores absolutos do Evangelho. Nesse sentido, a prática das bem-aventuranças deve ser atualizada constantemente por meio de um engajamento ético, relacional e espiritual que testemunhe os valores do Reino em meio às tensões do mundo moderno.

Na sequência, serão discutidas possíveis formas de atualização e vivência das bem-aventuranças em contextos contemporâneos, considerando os aspectos sociais, culturais, econômicos e espirituais que desafiam a prática cristã no mundo atual.

3. REFLEXÃO SOBRE COMO OS PRINCÍPIOS DAS BEM-AVENTURANÇAS PODEM SER VIVENCIADOS EM DIFERENTES CONTEXTOS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

As bem-aventuranças, descritas por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5.1-12), constituem um convite a viver segundo os valores do Reino de Deus. Essa proposta apresenta um padrão ético e espiritual que desafia os valores predominantes da sociedade contemporânea, marcada pelo individualismo, pela busca incessante por poder e pela relativização da verdade.

Nesse sentido, Stott (2006) destaca que as bem-aventuranças apresentam uma contracultura radical, na qual os valores do Reino de Deus subvertem os padrões do mundo atual. Segundo ele, “o sermão do monte descreve o que acontece quando homens e mulheres tomam a decisão radical de seguir a Jesus. Eles são diferentes; o seu estilo de vida e o seu sistema de valores contrastam com os do mundo” (Stott, 2006, p. 61). Esse entendimento reforça a ideia de que as bem-aventuranças desafiam o individualismo, o materialismo e a relativização moral predominantes na sociedade contemporânea, propondo uma vivência marcada pela humildade, misericórdia, justiça e paz.

3.1 O CONTRASTE ENTRE OS VALORES DO REINO E OS CULTURAL ATUAL

A espiritualidade ensinada por Jesus no Sermão do Monte revela uma proposta radicalmente distinta dos valores que predominam na cultura contemporânea. A sociedade moderna, pautada pelo consumo, pela competição e pela valorização do sucesso individual, contrasta fortemente com os princípios do Reino de Deus, que exaltam a humildade, a misericórdia e a justiça.

Nesse cenário, as bem-aventuranças assumem um papel de denúncia profética contra as estruturas que promovem desigualdade e exclusão. Como observa Stott (2018, p. 21), essas declarações de Jesus não são ideais utópicos, mas atributos reais que devem caracterizar os seguidores de Cristo. A centralidade da dependência de Deus em oposição à autosuficiência é, portanto, um marco da ética do Reino.

Ademais, Calvino (2010, p. 134) salienta que o reconhecimento da pobreza espiritual é o ponto de partida para qualquer processo de discipulado genuíno. Tal reconhecimento exige uma ruptura com o orgulho e a autossegurança promovidos pela lógica do mundo atual, que valoriza a exaltação do eu e o acúmulo de bens. Em contrapartida, o discipulado cristão convida o indivíduo a um caminho de esvaziamento interior e entrega confiante a Deus. Nesse sentido, os valores do Reino não apenas divergem dos valores sociais hegemônicos, como também os confrontam em sua essência.

Oliveira (2023, p. 88) reforça essa perspectiva ao destacar que os ensinamentos de Jesus são subversivos aos sistemas de dominação que estruturam o mundo moderno. A ética do Reino propõe uma inversão: os últimos serão os primeiros, os humildes herdarão a terra e os pacificadores serão chamados filhos de Deus (Mt 5.3-10). Essa inversão ética é também uma denúncia dos mecanismos de poder político, econômico e religioso que perpetuam a injustiça.

Renato Araújo e Cícero Bezerra (2023, p. 56) alertam, por sua vez, para o risco de se espiritualizar demasiadamente esses ensinamentos sem considerar o contexto histórico de opressão em que foram proclamados. A mensagem de Jesus oferecia consolo e esperança concreta aos marginalizados do seu tempo, como bem argumenta Horsley (1993, p. 92), ao interpretar o Sermão do Monte como um chamado à resistência contra o imperialismo romano.

Assim, pode-se afirmar que o contraste entre os valores do Reino e os valores da cultura atual não se restringe a uma dimensão espiritual abstrata, mas abrange implicações práticas e políticas. O discípulo de Jesus, ao viver segundo os princípios do Reino, torna-se um agente de transformação social, desafiando as estruturas de pecado institucionalizado e propondo uma nova forma de viver baseada na justiça, na paz e na compaixão.

3.2 A VIVÊNCIA DAS BEM-AVENTURANÇAS EM DIFERENTES ÁREAS DA VIDA

As bem-aventuranças não se limitam ao campo espiritual ou religioso. Elas têm implicações éticas concretas e podem ser vividas em diferentes esferas da vida, como a política, a família, o ambiente de trabalho, a igreja e as redes sociais. Lloyd-Jones (1981, p. 78) destaca que a misericórdia (Mt 5.7), por exemplo, é uma expressão prática do caráter de Deus no cotidiano do crente. Em uma sociedade marcada pela cultura do cancelamento, viver a misericórdia é um ato revolucionário.

Para Zeilinger (2012, p. 79), a fome e sede de justiça (Mt 5.6) representam o clamor por uma ordem social justa e fraterna. Essa busca não se resume a reformas institucionais, mas implica um compromisso pessoal com a equidade e a solidariedade. Campos Jr. (2021, p. 105) acrescenta que a verdadeira felicidade cristã não se realiza na indiferença, mas na prática da justiça e no enfrentamento das estruturas injustas.

Dessa forma, as bem-aventuranças revelam-se como um chamado à ação concreta em diferentes âmbitos da vida humana. Na esfera política, por exemplo, o compromisso com a justiça e a paz desafia o cristão a participar ativamente da construção de uma sociedade mais equitativa, rejeitando a indiferença diante da opressão e da desigualdade.

No ambiente familiar, os princípios de misericórdia, humildade e pacificação devem orientar os relacionamentos, promovendo o perdão, o respeito mútuo e o cuidado recíproco. Já no espaço de trabalho, a ética do Reino se manifesta na integridade, no serviço ao próximo e na valorização do ser humano acima da produtividade. Na igreja, essas virtudes reforçam a comunhão e a mutualidade entre os irmãos, afastando práticas autoritárias ou excludentes. Por fim, nas redes sociais, onde os discursos são frequentemente marcados pela agressividade e intolerância, viver as bem-aventuranças significa comunicar com empatia, promover a verdade e rejeitar a lógica da violência verbal.

A pacificação (Mt 5.9) também é essencial nesse processo. Sproul (2019, p. 143) observa que o pacificador é aquele que promove a reconciliação e o diálogo, mesmo em contextos de tensão. Essa postura é urgente em tempos de polarização política e conflitos sociais. Spurgeon (2007, p. 111) acrescenta que “os pacificadores são filhos de Deus porque refletem o caráter de seu Pai”, e sua atuação vai além de evitar conflitos — envolve enfrentá-los com sabedoria e graça.

3.3 A ESPIRITUALIDADE DO REINO EM MEIO AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A espiritualidade das bem-aventuranças não se limita ao interior do indivíduo, mas se manifesta em atitudes concretas diante dos desafios contemporâneos. José N. D. Souza (2021, p. 47) observa que a felicidade pregada por Jesus está enraizada em uma vida coerente com os valores do Reino, mesmo quando isso implica dor, perseguição ou exclusão. Lutero (2017, p. 212) também reconhecia esse paradoxo, ao afirmar que o verdadeiro bem-aventurado é aquele que compartilha da cruz de Cristo.

N. T. Wright (2013, p. 75) afirma que “Jesus não está descrevendo um ideal distante, mas inaugurando uma nova realidade que começa agora e se concretiza na vida dos que o seguem”. Assim, as bem-aventuranças devem ser compreendidas como parte do presente escatológico do Reino, ou seja, como sinais da nova ordem de Deus que já se manifesta na história.

Rega (2024, p. 59) propõe uma ética do Reino baseada na alteridade, ou seja, na capacidade de se colocar no lugar do outro. Isso exige uma espiritualidade madura, que recusa a indiferença diante do sofrimento alheio. Ricardo Souza (2021, p. 113) também entende que a espiritualidade das bem-aventuranças é “radical”, pois integra vida interior e ação no mundo. Esse equilíbrio é essencial para que o cristão não se torne nem um ativista sem alma, nem um místico alheio à realidade.

Por fim, Arthur Pink (2013, p. 92) ressalta que as bem-aventuranças são, ao mesmo tempo, diagnóstico e remédio: revelam nossa insuficiência e apontam para a suficiência da graça. Elas não apenas moldam o caráter do discípulo, mas também transformam a comunidade em que ele está inserido, tornando-se expressão visível do Reino de Deus.

Portanto, à luz do Reino de Deus, felicidade e sucesso não se medem por conquistas materiais ou reconhecimento social, mas pela capacidade de

viver segundo os valores de Cristo, tornando-se sinal visível de uma nova humanidade reconciliada com Deus, com o próximo e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as Bem-Aventuranças de Jesus (Mt 5.1-12) como base da ética cristã, evidenciando seu caráter teológico, ético e prático. Em contraste com os valores predominantes da sociedade atual centrados no individualismo, materialismo e prestígio, as Bem-Aventuranças propõem uma inversão radical desses conceitos, apresentando a felicidade e o sucesso à luz do Reino de Deus como frutos da humildade, da justiça, da misericórdia e da dependência de Deus.

Autores como Stott, Lloyd-Jones, Bonhoeffer, Willard e Calvino ressaltam que as Bem-Aventuranças não são ideais utópicos, mas expressões concretas do discipulado cristão. Elas orientam o seguidor de Cristo a um estilo de vida contracultural, guiado pela fidelidade a Deus e pelo compromisso com a transformação pessoal e social.

A pesquisa também demonstrou que esses princípios possuem implicações práticas em diversos contextos contemporâneos, como política, família, trabalho, igreja e redes sociais. Ao confrontar estruturas de opressão e desigualdade, a ética do Reino torna-se uma denúncia profética e uma alternativa viável de vida marcada pela justiça e pela paz.

Portanto, conclui-se que as Bem-Aventuranças continuam a desafiar os cristãos a viverem com coerência ética e espiritual em meio às contradições do mundo moderno. Elas redefinem felicidade e sucesso não como conquistas humanas, mas como sinais da presença do Reino de Deus na vida daqueles que buscam viver segundo seus valores.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

ARAÚJO, Renato S.; BEZERRA, Cícero M. **As bem-aventuranças no seu contexto histórico**: o perigo da interpretação alegórica. Caderno Inter saberes, Curitiba, v. 12, n. 43, 2023.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2001.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. 5. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; São Paulo: Editora Fonte, 2009.

BROCCARDO, Carlo. **Os Evangelhos: Um guia para a leitura**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

CALVIN, João. **Comentário sobre o Evangelho de Mateus**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2010.

CALVINO, João. **Comentário sobre o Evangelho de Mateus**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CAMPOS JR., Heber. **Felicidade verdadeira**: As bem-aventuranças e a real alegria dos filhos de Deus. Rio de Janeiro: GodBooks Editora, 2021.

CAMPOS JR., Heber. **Felicidade verdadeira**: As bem-aventuranças e a real alegria dos filhos de Deus. Rio de Janeiro: GodBooks Editora, 2021.

GOMES, Osiel. **A Ética Cristã e os Ensinos de Jesus**. Curitiba: Ed. Cultura Cristã, 2022.

GOMES, Osiel. **Os Valores do Reino de Deus**: A Relevância do Sermão do Monte para a Igreja de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

HENRY, Matthew. **Comentário de Mateus**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2015.

HORSLEY, Richard A. **Jesus and the Spiral of Violence**: Popular Jewish Resistance in Roman Palestine. San Francisco: Harper & Row, 1993.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: uma investigação sociológica e histórica. São Paulo: Hagnos, 2004.

LLOYD-JONES, D. M. **Estudos no Sermão do Monte**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1981.

LLOYD-JONES, Martyn. **Estudos sobre o Sermão do Monte**. São Paulo: Editora Fiel, 2000.

LUTERO, Martinho. KAYSER, Ilson (Trad.); DREHER, L. H. (Trad.). **Martinho Lutero - Obras Seleccionadas**. Vol. 9. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

OLIVEIRA, Jonas de. **Espiritualidade do Reino**: uma leitura teológica das bem-aventuranças. Belo Horizonte: Fonte Editorial, 2023.

OLIVEIRA, José C. **As bem-aventuranças como paradigma para o discipulado**. Território Acadêmico, n. 6, 2023.

PINK, A.W. **A Vida Cristã Prática**. São Paulo: Ed. Shedd, 2003.

PINK, Arthur W. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Editora PES, 2013.

REGA, Lourenço Stelio. **Ética Aplicada**, Curitiba: Publicações Fabapar 2 ed. 2024.

REGA, Samuel. **Ética do Reino**: implicações morais das palavras de Jesus no sermão do monte. São Paulo: Editora Esperança, 2024.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

RICHARDS, Lawrence. **Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SOUZA, José N. D. **O Sermão da Montanha**: um estudo exegetico-teológico. Belo Horizonte: Editora Esperança, 2015.

SOUZA, Ricardo. **Cristianismo radical**: a espiritualidade das bem-aventuranças. Curitiba: Peregrino, 2021.

SPROUL, R. C. **Estudos bíblicos expositivos em Mateus**. [S.l.]: Editora Cultura Cristã, 2019.

SPROUL, R. C. **O sermão do monte**: a ética do Reino de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

SPURGEON, Charles Haddon. **O sermão do monte**: sermões sobre as bem-aventuranças. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2014.

SPURGEON, Charles. **Sermões de Spurgeon**. São Paulo: Ed. Verdade e Vida, 2007.

STOTT, J. **Contracultura cristã**: O chamado radical ao sermão do monte. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2018.

STOTT, J. **Contracultura cristã**: O chamado radical ao sermão do monte. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2018.

STOTT, John. **A mensagem do Sermão do Monte**: o cristão e a vida cristã segundo Mateus 5–7. São Paulo: ABU Editora, 1990.

STOTT, John. **Bem-aventurados**. Ultimato, 15 maio 2018.

STOTT, John. **Bem-aventurados**. Viçosa: Ultimato, 2018.

WILLARD, D. **A divina conspiração**: Redescobrimo nosso destino espiritual. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

WILLARD, Dallas. **A conspiração divina**: redescobrimo nossa vida oculta em Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

WRIGHT, N. T. **Simplesmente Jesus**: uma nova visão de quem ele foi, o que fez e por que ele importa. Tradução de Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2013.

ZEILINGER, Franz. **Entre o céu e a terra**: comentário ao sermão da montanha (Mt 5–7). São Paulo: Paulinas, 2012.

ZEILINGER, Franz. **Entre o céu e a terra**: comentário ao Sermão da Montanha. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZEILINGER, Hans. **As bem-aventuranças: espiritualidade do Reino em tempos de crise**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.